

FRACASSOS DELINQUENTES E COTIDIANOS ENCHARCADOS: RELATOS DE UM CHEGAR EM UM NOVO LUGARCAMPO ACADÊMICO

*Delinquent Failures and Soaked Everyday: Accounts of an Arriving at a New
Academic Place-Field*

*Fracasos delincuentes y cotidianos encharcados: relatos de un llegar a un nuevo
lugarcampo académico*

Rafael Romão Silva¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9010-2603>

RESUMO

Este ensaio explora a experiência de fracasso e inadequação diante de um "território-campo" acadêmico institucionalizado, especificamente nos Estudos do/nos/com o Cotidiano. O texto, escrito de forma não planejada e atravessado pelo cotidiano, desafia as convenções discursivas do campo, utilizando uma abordagem queer do fracasso (Jack Halberstam) para questionar estratégias de controle como repetição, exclusão de perspectivas externas e formalismos rígidos. A narrativa mescla reflexões teóricas (Michel Foucault, Michel de Certeau, Virgínia Kastrup) com relatos pessoais de um doutorando que, ao migrar de campo, vivencia um "naufrágio" epistemológico. O autor propõe que o fracasso e a delinquência (via Certeau) podem ser táticas de resistência, transformando o relato acadêmico em uma prática transgressora que desestabiliza a ordem discursiva.

Palavras-chave: fracasso acadêmico; discurso e ordem; estudos do cotidiano; narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

This essay explores the experience of failure and inadequacy within an institutionalized academic "field-territory," specifically in Studies of/in/with Everyday Life. Written unplanned and permeated by everyday life, the text challenges the field's discursive conventions, utilizing a queer approach to failure (Halberstam) to question control strategies such as repetition, the exclusion of external perspectives, and rigid formalisms. The narrative blends theoretical reflections (Foucault, Certeau, Kastrup) with personal accounts of a doctoral student who, upon migrating to another field, experiences an epistemological "shipwreck." The author proposes that failure and delinquency (via Certeau) can be tactics of resistance, transforming the academic narrative into a transgressive practice that destabilizes the discursive order.

Keywords: academic failure; discourse and order; everyday studies; autobiographical narrative.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (PROPED/UERJ). Mestre em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Laboratório de Ensino da Arte (LEA/UERJ) e do Grupo de Estudos Culturais, Educação, Saúde e Arte. Licenciado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense.

RESUMEN

Este ensayo explora la experiencia del fracaso y la incompetencia dentro de un campo académico institucionalizado, específicamente en Estudios de/en/con la Vida Cotidiana. Escrito de forma improvisada y impregnado de la cotidianidad, el texto desafía las convenciones discursivas del campo, utilizando un enfoque queer del fracaso (Halberstam) para cuestionar estrategias de control como la repetición, la exclusión de perspectivas externas y los formalismos rígidos. La narrativa combina reflexiones teóricas (Foucault, Certeau, Kastrup) con relatos personales de un estudiante de doctorado que, al migrar a otro campo, experimenta un naufragio epistemológico. El autor propone que el fracaso y la delincuencia (a través de Certeau) pueden ser tácticas de resistencia, transformando la narrativa académica en una práctica transgresora que desestabiliza el orden discursivo.

Palabras clave: fracaso académico; discurso y orden; estudios cotidianos; narrativa autobiográfica.

Introdução

O presente texto é um ensaio, em seus muitos sentidos. É um ensaio como em uma peça de teatro, onde se experimenta possibilidades; é um ensaio no sentido da tradição que remonta a Michel de Montaigne (2002), sendo o texto a expressão de uma subjetividade atravessada por algo. Como em um ensaio teatral mais inicial, não aqueles que antecedem a apresentação e que já se preocupam com os detalhes, mas aqueles que ainda são mais experimentações, tal escrita foi realizada sem o planejamento prévio característico dos artigos científicos, a não ser o que envolve a disposição de eventualmente sentar, ler e escrever o que se pensa, atravessado pelo cotidiano de se refletir sobre o cotidiano, são aqueles ensaios teatrais mais iniciais. Então, tenho aqui diversos experimentos que são camadas propositivas sobre o cotidiano, com o cotidiano, no cotidiano. Trata-se efetivamente de um texto *do* cotidiano, trazendo tal proposição para a forma do texto. Não houve um pré-planejamento sobre sua estrutura enquanto argumento, tratou-se de um texto quase que humanamente automático, em oposição a uma inteligência artificial, sendo um texto construído a partir de uma *hódus metà*, como abordado nas proposições cartográficas de Virginia Kastrup, Eduardo Passos e parceiros (Eduardo Passos et al, 2009) – um processo que faz no processo, sem metas. O que as palavras aqui sofreram foi no limite um processo de edição para reiterar o que já estava escrito, sendo a edição o corte, o tratamento, o refino e a substituição, não tendo ocorrido uma montagem prévia de uma escaleta estruturada do texto, e aqui talvez esteja a diferença entre Edição e Montagem, grande questão do campo Audiovisual. Já o gesto de montagem ocorreu dias antes da chamada entrega do texto, quando busquei encontrar uma costura possível que fizesse transições mais suaves entre os textos, que são como cenas. A edição é uma estratégia performática autônoma – o performer se edita, limita a extensão do gesto, escolhe não abrir tanto o sorriso, muda a entonação; já a montagem envolve o poder, envolve a figura da direção que elimina cenas, troca performers, escolhe dentre os radicais heterogêneos. Monto, então, diferentes textos cotidianos, para tentar expressar algo em torno da minha experiência perturbatória e de fracasso na construção de um novo bote em mar aberto.

O texto se propõe como os mapas citados por Michel de Certeau (1994), aqueles do século XV, quando eles ainda eram feitos dos procedimentos e operações realizados para desbravar o terreno, dos passos que eram dados, dos caminhos percorridos, e não apenas feito dos contornos dos espaços conquistados e com a eliminação das marcas de todo o processo de pesquisa. Inicialmente, propus escrever a partir do cotidiano de uma disciplina de pós-graduação voltada para as discussões epistemológicas do campo dos Estudos nos/dos/com o Cotidiano. Após escrever a partir de três encontros, passei a lidar com as questões envoltas a como apresentar tais textos enquanto trabalho de conclusão da disciplina. Parti para uma leitura mais atenta de A invenção do cotidiano (Michel de Certeau, 1994) juntamente de A ordem do discurso (Michel Foucault, 1998). Ao escrever sobre o cotidiano da instituição, vi-me preso às questões sobre o que pode ser falado em meio a um cotidiano que envolve questões de poder, mesmo que elas sejam do âmbito da micropolítica

atravessada pela vida acadêmica, como a concessão de bolsas, concursos públicos etc. Conforme avancei em Certeau, encontrei nele o conceito de “relato” construído de forma bem particular, diferenciando-se de uma escrita experiencial como a proposta por autores como Jorge Larrosa Bondía (2015) e Michel Tardif (2002). Certeau aborda o relato como uma prática espacial, não apenas como algo do próprio indivíduo, e, portanto, não voltada apenas a uma certa dimensão de empoderamento individual. Ele aborda as implicações dos relatos nos tecidos sociais, como afetam as tessituras, como geram nelas pequenos abalos sísmicos, para ficar nas metáforas espaciais. Realmente não sei se o campo dos Estudos nos/dos/com o Cotidiano está acostumado com um certo grau de autorreflexão, de textos que abordam o seu próprio cotidiano, e nisto me parece ter acompanhado uma grande insegurança durante a elaboração destes escritos. Porém, é a abordagem que me pareceu mais coerente dentro de uma disciplina que aborda suas questões epistemológicas: experimentá-las dentro do próprio campo.

Ou seja, o texto dialoga com uma série de concepções teóricas contemporâneas que reivindicam a necessidade de outras formas de escrita dentro da pesquisa em educação. Tais concepções advêm de diferentes campos do pensamento, que após as suas respectivas viradas pós-estruturalistas abordam outras formas de pesquisa, o que Elizabeth St. Adams chama de perspectivas pós-qualitativas. Através de diferentes interseccionalidades, autoras como Chimamanda Adichie (2009), Gloria Anzaldúa (2000), bell hooks (2013) e outras pesquisadoras abrem os caminhos para outras escritas. Arrisco, então, uma outra escrita e a apresento a diferentes instâncias da institucionalidade acadêmica para compreender a que cabe este gesto. O que posso aprender com a minha própria escrita? Quais suas limitações e potências em relação a escrever sobre o cotidiano de uma sala de aula? São questões que começo a esboçar e pretendo desenvolver e retomar em escritas futuras. O presente texto, portanto, é apenas uma pista diante de uma cartografia mais superficial.

Em uma dimensão temporal, este texto está organizado de trás para frente, e então virão primeiro os textos reflexivos escritos entre a conclusão do texto e a escrita dos relatos; lá para o fim, virão os relatos.

Fracassos cotidianos

Talvez o presente texto não seja de fácil leitura. Ele é certamente feito de perturbações e noias², componentes psico-afetivos que geram transtornos quando transformados em discurso. Chamo por perturbações quase que um oposto às “meditações”, temas tão tradicionais da filosofia ocidental, mas que também

² Noia é uma gíria amplamente utilizada nas culturas urbanas do Brasil, especialmente na cidade de São Paulo e é um termo polissêmico. Ao mesmo tempo em que designa a pessoa usuária da droga *crack*, passou a ser utilizado para expressar ideias equivocadas, constantes e perturbadoras que se tem. Então, diz-se: “a pessoa está cheia de noias na cabeça” (MENA, 2001). Tenho tentado explorar o uso deste termo como um conceito operatório do cotidiano, aonde as ações das pessoas são movidas por suas “noias”, o que pretendo desenvolver em trabalhos futuros e no qual este trabalho é uma de suas expressões.

associadas a uma perspectiva de *equilíbrio* do corpo, também associada a uma *moralidade*, como abordada pelos estoicos (Marco Aurélio, 1973). As perturbações estariam mais associadas às pulsões, às vontades de *serfazer*³ em face às impossibilidades operativas entre o si e o lugar, para falar em termos de Certeau, como veremos mais abaixo. Tais perturbações, um componente de caos ou de encruzilhada (Luiz Rufino, 2019) até cabem com menor espanto no campo da Arte, que é mais acostumado a absorver os impulsos autodestrutivos da sociedade. Já nos campos que alimentam uma vontade de verdade, em termos Foucaultianos, as noias e perturbações que se expressam como críticas são vistas como tremulações que afetam a institucionalidade dos campos de pesquisa.

Para Foucault (1998), a vontade de verdade não é algo exclusivo da perspectiva racionalista com raízes no século XVII, mas remonta às diferentes estratégias discursivas que existiram pela história que mobilizam o poder e o querer, citando poetas gregos, tradições religiosas etc. O campo dos Estudos dos/nos/com o Cotidiano, por exemplo, é atravessado por uma vontade de verdade específica, aquela que vê uma verdade nas táticas cotidianas de construção de saberes a partir da inseparabilidade entre a razão e os sentidos. E por ter uma vontade de verdade e conter uma forte inserção institucional, partilham de uma ordem do discurso.

Gostaria de indicar que o presente texto é a expressão de um fracasso perante tal vontade de verdade, tal ordem do discurso, também entendido como um tal saber convencional. Jack Halberstam define a arte queer do fracasso como “um passeio fora do confinamento do saber convencional e dentro de territórios não regulamentados do fracasso, da perda e do ‘inadequar-se’, [que] precisa fazer um longo desvio para evitar disciplinas e caminhos habituais do pensamento” (Jack Halberstam, 2020: 28). Aqui abordo os Estudos nos/dos/com o Cotidiano como tendo ao menos uma dimensão de saber convencional, o que delimito aqui como um *lugarcampo*, o que tenho chamado como uma unidade institucional específica que se consolida a partir de uma epistemologia. É como um campo, em uma perspectiva de Bourdieu, mas cristalizado dentro de uma instituição, e então dotada tanto de suas táticas de sobrevivência institucional, mas certamente de suas estratégias, em termos de Certeau – ao mesmo tempo em que usa da *métis* e da ocasião para desviar da estratégia institucional, paradoxalmente passa a fazer cada vez mais parte das diretrizes de elaboração da estratégia; e estratégia, para Certeau, seriam os lugares daqueles que possuem efetivamente os lugares e então podem desenhar os esquadrinhamentos.

Certamente tal *lugarcampo* citado não se auto-define como um saber convencional, principalmente por atribuir tal papel ao saber racionalista. Porém, a convencionalidade não é um lugar único do pensamento, mas um grande campo que abarca a universidade como um todo, ao qual suas velhas práticas trabalham em perpetuidade: o excesso de citações aos mesmos autores e o zelo com que trabalham com a repetição enquanto estratégia de discurso indicam a delimitação de poder. A

³ Escrevo alguns termos unidos e em itálico para dialogar com o campo dos Estudos dos/nos/com o Cotidiano, que explora tal escrita como uma possibilidade de chamar a atenção para dualismos típicos do pensamento cartesiano.

convenção limita as estratégias de montagem, não permitindo edições radicais. Abusa-se do procedimento do comentário foucaultiano, uma forma de controle pelo discurso, pautado na repetição, porém sem alcançar o seu limite, que seria a passagem à autocrítica: “jogo à moda de Borges, de um comentário que não será outra coisa senão a reparação, palavra por palavra (mas desta vez solene e esperada), daquilo que ele comenta” (Foucault, 1998, p. 13).

Aqui trago alguns *comentários-críticas-ensaios* que tocam tal estratégia de alimentação de convencionalidade, certamente expressão da minha experiência, dos acontecimentos que me interpelaram em minha caminhada em tal disciplina, particulares à minha perspectiva, mas que, exatamente por serem isto tudo, são consideradas formas válidas de *conhecersentir* (perceber) pelo próprio campo. Porém, são fracassos por não seguirem as estratégias convencionais de tal *lugarcampo* e por de algum jeito se voltar contra ele, embora não necessariamente seja algo ruim, por se tratar de uma tática dialética a partir do cotidiano curricular e didático de uma disciplina que busca apresentar fundamentos epistemológicos para a corrente teórico-prática.

Tal convencionalidade se mostrou materializada através de três formas principais, todas reforçando um mesmo mecanismo de controle:

Um primeiro exemplo de tais estratégias de *institucioconvencionalização* é a ausência de perspectivas sobre os Estudos do Cotidiano vindas de outras instituições e países, com todos os textos lidos na disciplina envolvendo citações a Nilda Alves, utilizando trechos do trabalho de Michel de Certeau como base, mas também abandonando diversas outras perspectivas presentes no trabalho do mesmo autor que acabam por contradizer a institucionalidade adotada pelo campo. Ainda, muitos dos textos citavam Boaventura de Sousa Santos, indo em contradição com os próprios termos decoloniais com que o autor português teoriza e outros princípios éticos como o plágio, a apropriação indevida de conhecimento na relação docente-discente e a violência de gênero. Também foram deixadas de lado todas as perspectivas sobre o cotidiano que antecedem a Certeau.

Um segundo exemplo de tais estratégias de convencionalidade é o excesso de repetição das mesmas discussões dentro do programa de uma disciplina dedicada a pensar as questões epistemológicas do campo. Por exemplo, convidou-se algumas pessoas de dentro da própria linha de pesquisa a compartilhar seus trabalhos e mais de uma precisou se justificar por não seguir alguma estratégia discursiva preconizada por tal território, como a pedir desculpas por discordar.

Um terceiro exemplo é uma repetição formal encontrada na maior parte dos textos lidos, que sempre começam com uma crítica ao saber positivista; seguida pela mobilização de poucos conceitos trabalhados por Certeau para construir uma argumentação de que outros saberes são possíveis ao se mobilizarem outros sentidos, afecções e percepções; finalizando em alguma das últimas páginas do trabalho com a evocação de algum trecho narrativo do cotidiano como exemplificação de que tal estratégia epistemológica é válida.

O fracasso, no caso, é perceber tais pontos como contradições e, a partir disso, gerar desconforto. Criticar é um inadequar-se, quando no máximo o que um *lugarcampo* parece suportar é um comentário, o endosso.

Participar da disciplina obrigatória da linha foi testemunhar a minha inadequação e fracasso. Aqui muitas vezes me foi dito que minhas referências não serviam, que aqui era outro campo e que precisaria trabalhar apenas com tais outras perspectivas; e que as seguir é não gostar delas. Tal indicação não chegava a me afastar de tal convencionalidade, mas alimentava uma disposição crítica e perturbatória de refletir efetivamente sobre as bases epistemológicas da disciplina. Da minha perspectiva, o que entendia é que as teorias com que já trabalhei são amplamente utilizadas e mobilizadas como equivalentes ao construído por ali, porém, a feição da institucionalidade se mostrava mais forte a cada passo dado, como paredes de vidro com as quais batemos o nariz narcísico a todo momento.

Também fracassei em meio ao que eu mesmo me propus. No começo da disciplina, indiquei que gostaria de passar pelo experimento de escrever sobre o cotidiano da mesma e, se possível, ler tais textos durante os encontros. Cheguei a escrever sobre três encontros, mas devo ter lido o que escrevi em apenas um ou dois deles. Tal escrita sempre me gerou uma tensão, pois sabia que estaria trazendo para o grupo as minhas noias e perturbações, o que certamente poderia afetar como as pessoas se relacionariam comigo, em uma espiral conflituosa. Já não sou uma pessoa de feição muito simpática e enunciar ali o que penso sobre os ocorridos certamente me colocaria em uma berlinda, o que acho que ocorreu.

Sobre chegar em um *lugarcampo*

Reconhecer o fracasso como esta outra forma de habitar a convenção é um jeito que encontrei de perlaboração de um trauma. Já o meu trauma em questão é o naufrágio tempestuoso que é mudar de campo de pesquisa dentro de uma trajetória acadêmica.

A própria Nilda Alves fala disso em seu texto antológico: "mudar de teoria é o mesmo que reconstituir um barco, tábua a tábua, no alto mar." (Nilda Alves, 2007, p. 6). Não se trata de pular de uma lancha, saindo de uma bem-acabada e alugada embarcação, para outra, mas sim construir algo que flutue em pleno alto-mar com os restos de diferentes naufrágios com a água salgada a sufocar a garganta.

Em minha situação específica, em muitos momentos essa ideia de troca de campos me soa equivocada, equívoco indicado pelas próprias referências contempladas nas listas de referências de tais campos tão "dísparos" – são praticamente os mesmos autores referenciados! Aqui me surge uma questão em torno do próprio conceito de "campo de pesquisa", talvez sendo este mais atrelado às referências, estratégias, formas de escrita, objetos e discursos e uma outra coisa ou fenômeno, talvez um outro conceito, que inicialmente chamei por território-campo, mas que o próprio Certeau talvez ajude a pensar como um lugar-campo.

Sobre o meu naufrágio, me parece que não há necessariamente uma troca de campos. O campo é o mesmo, talvez a educação pós-moderna, de onde venho desde

a graduação. A troca de campo em si se mostra mais como uma troca de posições dentro do campo. Em "A Invenção do Cotidiano", na terceira parte, dedicada às práticas de espaço, Certeau distingue "lugar" de "espaço".

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência (...). Aí impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (...). Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis (...). Em suma, o espaço é um lugar praticado (Certeau, 1994, p. 184).

Os lugares-campos científicos possuem forças centrípetas que puxam tudo a um centro de poder. Geralmente, quem troca de campo o faz por ter sido alçado a uma margem no campo anterior, escapado da centralidade da força que o governa, talvez o feito por um movimento de expulsão através do empuxo que tende a empurrar as pessoas à lá terceira lei newtoniana para fora do lugar ou por ter flanado para lá por conta própria. Busca-se por outros lugares quando determinados campos se tornaram pequenos em diversos sentidos, quando as forças centrípetas acabam por centrifugar. Aqui a figura do fracasso pode dialogar com outra, a da delinquência, outro termo abordado por Certeau.

Ainda em sua discussão sobre práticas de espaço, Certeau aborda as diferenças entre o percurso e o mapa, formas diferentes de demarcar as operações ocorridas em um espaço - a primeira traz o passo a passo de um desbravamento, a segunda apresenta apenas o resultado estático do produto de um saber que elimina o percurso primeiro. Ao primeiro, ao percurso, Certeau atribui como característico a forma narrativa do relato, que seria uma "instância móvel e magisterial em matéria de demarcação" (*Ibid.*, p. 190). Ele pontua que ao relato serve a figura metafórica da ponte, no sentido de que ele estabelece uma fronteira em um espaço e com isso faz "a transgressão do limite, desobediência à lei do lugar, ele representa a partida, a lesão de um estado, a ambição de um poder conquistador, ou a fuga de um exílio, de qualquer maneira a 'traição' de uma ordem" (*Ibid.*, p. 196). Fazer um relato leva a uma posição ambígua, no sentido de que o relato cria a si uma posição fundante para se poder entrar na própria ordem do discurso, "mas ao mesmo tempo ergue um alhures que extravia, deixa ou faz ressurgir, fora das fronteiras, a estranheza que era controlada no interior, dá objetividade (ou seja, expressão e representação) à alteridade que se escondia do lado de cá dos limites". (*Ibid.*, p. 196).

Certeau diz que "onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia" (*Ibid.*, p. 197) e aqui estaria seu caráter delinquente. "Se o delinqüente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o estado, o relato é delinqüente." (*Ibid.*, p. 197).

Primeiro relato cotidiano⁴

Deitado, às dez da noite, em pleno domingo, decidi começar a escrever este texto. Ele deve ser o primeiro de uma sequência de textos, de uma página cada, que decidi escrever como exercício de pesquisa com/no/do cotidiano de uma disciplina em que estou como estudante, disciplina obrigatória da linha de pesquisa que adentrei neste ano no doutorado em Educação.

Do relaxamento da cama, me esforço para tentar lembrar de como me sinto geralmente quando chego nas aulas dessa disciplina. A matéria tem um monte de palavras em seu nome, o que nunca permite que eu me lembre exatamente de seu título exato.

As perguntas começam a surgir enquanto escrevo. Quando escrevo um tempo depois do corrido do cotidiano, tal escrita ainda serve para qualquer coisa? Talvez uma escrita desinteressada, sem saber a que ela serve, deva ser uma forma de não direcionar tanto os sentidos. Achei interessante pensar agora sobre o “corrido” do cotidiano, não o “ocorrido”. Fui escrever “ocorrido” e ela não me pareceu ser uma boa palavra. Mirei ela com atenção e o “o” me pareceu algo bom a se perder.

Uau, sentei para tentar escrever sobre sexta-feira de duas semanas atrás e só tenho conseguido acompanhar os movimentos que atualmente correm em minha cabeça em um fluxo sanguíneo que passa pelo meu coração e flui pelo meu braço esquerdo que realiza estas frases.

Lembro que a chegada na sala de aula é sempre atribulada. Não consigo me lembrar de chegar na sala de aula de forma relaxada. Subi uma das rampas e encontrei Welma. Parecia que estávamos em uma corrida, andando atrasados em direção a sala. Não me lembro do que falamos, apenas que ela citou meu nome, que lembrava por sermos dois com tal nome na sala. Fui invadido por uma vergonha de não lembrar do nome de Welma. Entramos na sala e me deparei com diversos rostos dos quais não lembrava de nenhum nome. Peguei meu caderno e fui até a página em que anotei informações de cada pessoa que se apresentou na aula passada. Não serviu de muito, mas já consegui identificar o nome de Welma e de Matheus.

Do caderno: “Cheguei na aula super esbaforido. O cotidiano da escola [em que trabalho como técnico] me invade pelo whatsapp e tenho que me desculpar com a professora sobre isso [esqueci de me desculpar]”.

Seguindo meu caderno, no início da aula, a professora abordou ser espectadora na história de um processo protagonizado por Nilda e Inês [de alguma forma isso me incomoda, este protagonismo que colocam nelas, será que é machismo? Ou talvez só estou cansado de autores-estrelas nas universidades?]. As minhas anotações apresentam uma certa incredulidade com o relato de que Nilda teria sido o arrimo de um movimento radical dentro da pesquisa acadêmica em Educação. Chego no programa hoje e só vejo o poder desmedido da dominação institucional. Quem acompanhou a história entende a radicalidade, quem chega agora percebe o quê?

⁴ Relato sobre a aula ocorrida a 28 de março de 2025.

Inicialmente achava que só eu sentia e pensava isso, mas aos poucos, aos sussurros, pessoas ao redor também me relatam o que acham de estranho por aí.

Sinto que esta foi a primeira aula em que me senti acolhido dentro da instituição. Talvez tenha a ver com um certo acolhimento das ideias mais criativas sobre onde estamos, ao que passamos. De alguma forma a instituição estava me aparecendo como um lugar de intocáveis. Tenho um jeito não pacificado que me coloca como um prego destacado para levar marteladas. Com menos de um mês de aula, já levei várias marteladas. De professor, de orientador, de professora emérita. A última martelada veio de uma secretária do programa. Em um site confuso, que desde o período de inscrição só tem apresentado problemas, não vi que o prazo do ajuste de matérias já tinha acabado. Na verdade, nem consegui enxergar as datas no calendário do site, acho que tenho TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) mesmo. Escrevi um e-mail, que já voltou com uma resposta em um tom irritadiço. Sugerir que passassem a divulgar essas datas por e-mail, o que foi uma brecha para me chamar de imaturo e sem autonomia. É evidente que minhas mensagens também já haviam deixado de lado o tom amistoso, já tinha partido para algo mais irônico, mas quer dizer que eu aqui que tenho que ser a pessoa madura? Afinal, o que custa configurarem o belo e aclamado site da instituição para enviar lembretes automáticos das datas importantes? Acho que literalmente não custa nada. As pessoas neurodivergentes agradeceriam. Porém, mais um sinal de que se trata de um lugar onde não se deve reclamar ou fazer sugestões.

Retorno às minhas anotações da aula e há um longo relato dos anos que se passaram sob essa alcunha dos estudos dos cotidianos na instituição. Confesso que acabo por não me interessar tanto por tais anotações. Uma outra chama o meu olhar: o cotidiano dramático. Lembro que é um termo que gerou dúvidas na sala de aula, mas que brilhou no meu ouvido por eu achar muito simplista a perspectiva de que a pesquisa é feita com "narrativas". A mim, o narrativo remete ao épico, à figura central de deus, às escrituras da Bíblia. O dramático remete aos movimentos e forças que se engalfinham no cotidiano. O que mais me interessou no relato sobre o campo foi as possíveis divergências entre Nilda e Inês. O dramático. A história narrada não move tanto a minha atenção. A história dramatizada já mexe com as minhas paixões. As tretas e as noias tornam tudo uma grande fofoca.

De alguma forma, as situações mais dramáticas ficaram mais em minha mente sobre tal aula. As situações onde as pessoas se impunham, mesmo que por reação para não se vergar aos tratores. Esquecer o nome de Welma; a foto da bisavó de Tânia; Taya dizer que não havia a necessidade de trocar a expressão "dar a voz ao outro" por "dar o ouvido ou equipamentos ao outro"; quando disse por livre e espontânea vontade que iria me expor e falei que tinha dificuldades em diferenciar atores asiáticos, mas na verdade também tenho tal dificuldade com atores brancos. Fui buscar pelo nome de Taya nas minhas anotações e me deparei com um outro nome, o de Isabela. Lembrei de uma outra situação dramática, de duas semanas antes, e talvez eu só me lembre disso daquele encontro. De novo, as situações dramáticas se impondo na minha

memória. Os princípios de noias, talvez. Lembrei que tinha que pedir desculpas a Isabela e que me esqueci deste pedido de desculpas também.

Segundo relato cotidiano⁵

Depois de escrever na semana anterior sobre as faces do que se apresentava à minha percepção e atenção, percebi que no último encontro permaneci tenso para além do momento da chegada. Talvez possa arriscar dizer que demorei para chegar, mesmo presente. Estava tenso com a possibilidade da leitura pública do meu texto, ao qual chamei de uma “exposição”. De alguma forma me vi tomado por certo medo. Tal medo, associado provavelmente à reintrodução de medicamentos psiquiátricos na minha rotina, me deixou em um certo estado de vigilância. Me vi inquieto em silêncio, em oposição à postura mais comunicativa que geralmente tenho em sala de aula. De alguma forma me vi incomodado pelo rumo da aula. Fiquei com o olhar fixado no texto indicado para leitura, com a cabeça presa nas questões que ele me colocou. Dividia a atenção entre ele e entre os temores de que a leitura pública do meu texto poderia desencadear algo ruim dentre a turma.

Logo percebi que não adentraríamos tanto no texto indicado para a leitura. Seus pormenores permaneceram apenas na cabeça de quem os leu. Isso me incomodou e então adotei uma certa postura “excluída” no grupo. Deixei de me expor, de impor ideias, para apenas ouvir em exclusão. É uma exclusão, no sentido de que se guarda o que se pensa apenas para si. Deixa-se de compartilhar, apenas se toma. Não conversar sobre um texto lido pode ser uma certa estratégia institucional: apenas se toma. Não participar de uma conversa, apenas ouvir, também é tomar algo sem dar algo de volta e talvez este ponto toque algumas das questões sobre a pesquisa que lida com as falas das outras pessoas e suas conversas. Perturbado por todas essas questões, decidi me fechar um pouco mais em minhas próprias ideias e leituras e escrever sobre um outro cotidiano que atravessa uma disciplina: as meditações que me acompanharam entre uma aula e outra⁶.

Retorno então ao meu caderno, de onde retiro as anotações que se seguem. “O começo da aula foi tenso por outro motivo. O que fazer com o meu texto? Um ímpeto surge de compartilhá-lo de qualquer forma, independente dos alertas de um colega⁷. Olho aos colegas tentando adivinhar se algo poderia ofendê-los, se algo poderia escalonar como uma bola de neve, se o texto interfere no tecido do grupo, mesmo que silenciosamente. Também me impressiono com o quanto fiquei com a turma na cabeça esses dias todos, mais até do que quando estive como professor em uma turma. Fiquei impressionado que uma ideia minha ficou na cabeça de uma colega.

⁵ Relato sobre a aula ocorrida a 04 de abril de 2025.

⁶ E a partir daqui passei a escrever sobre Inteligência Artificial e Escrita, fugindo completamente de uma escrita que funcionasse como um relato cotidiano e, por isso, suprimi tal trecho.

⁷ Fiquei inseguro com o primeiro relato, enviei-o a um colega, que aumentou a minha insegurança e me recomendou que não o lesse em aula. Tentei compartilhar o texto com a professora da disciplina, mas a mesma disse não estar disponível para a leitura.

O assunto da aula começa no texto indicado para leitura, mas logo parece que não estamos falando do mesmo material. Do nada estamos em Carolina Maria de Jesus, uma discussão banal sobre ela ser considerada literatura ou não e que Cuba e Rússia são países homofóbicos. Depois fala-se dos estudantes pretos presos na ocupação da Instituição um tema já citado nas aulas anteriores e voltamos para o caso Aniele Franco e Silvio de Almeida, de novo.

Por que a postura da colega à esquerda me incomoda? É a forma como ela fala? Ou é o estereótipo de como ela se veste que me traz péssimas impressões de quem ela é, juntamente com o que ela fala?

Hoje estou mais quieto e como espectador me sinto um pouco estranho. Quando falo, me sinto em outro lugar.

O assunto da conversa vai por um caminho de reflexões sobre a instabilidade do pesquisar. Há uma certa disputa pela fala. Divido a minha atenção entre as falas e a revisão do meu primeiro relato e me sinto, de alguma forma, preso para falar.

De repente, a sala foi atravessada pela prova de idiomas do Programa. É engraçado como tudo é motivo para se puxar narrativas. O momento de desespero dos colegas, que haviam se esquecido de que aquele era o dia para se realizar a prova online, levou à professora a relatar novamente os seus traumas recentes em outro campus.

Enquanto a colega tentava acessar a plataforma online da prova, a professora pegou o meu primeiro relato e o leu em silêncio. Achei engraçado ela o ler assim, em algum momento achei que ela o faria em voz alta, mas acho que ela também compartilha dos meus receios. Uma colega que eu ainda não tinha visto me interpelou com o olhar e senti meu rosto ter uma expressão diferente de estranhamento.

Li o texto em voz alta e fiquei surpreso com um certo sentimento de deleite que parece ter gerado nos colegas. Em suas feições os vi mobilizados por algo, o que sinto que já é melhor do que a indiferença. Uma colega depois veio me confirmar que pegou a referência aos “sussurros”, o que me confirma a impressão de que muita coisa não é falada por medo.

Terceiro relato cotidiano⁸

Em alguns outros momentos da minha vida acadêmica refleti sobre o quanto a experiência pregressa das pessoas não é muito valorizada quando ela advém de um lugar outro. Por exemplo, cheguei na graduação de Licenciatura em Cinema com um punhado de experiências do campo da arte e da produção cultural, mas elas pareciam não servir ou desinteressar no debate sobre cinema e educação institucionalizado em uma graduação. A experiência prévia às vezes é vista como uma tentativa de “carteirada”, uma “forção” de conversão em autoridade; ou compartilhar a experiência própria em um lugar que se chega é uma tentativa de balancear a hierarquia pautada na especialização dos saberes e cristalizada naquele lugar. De qualquer forma, a experiência do outro parece poder assumir uma certa pecha de

⁸ Relato sobre a aula ocorrida a 25 de abril de 2025.

ameaça em algumas das relações de aprendizado. A pessoa local pode se sentir ameaçada pela experiência outra, ou simplesmente não enxerga nenhum valor nela, seja por desconhecimento, seja por certo narcisismo.

Chegar em um outro campo de pesquisa também tem me feito voltar a esta questão. Algumas reflexões se avizinham aos meus próprios traumas. Já compreendi que trazer a minha experiência é algo de certa complexidade, o que tem me feito retrair e tentar segurar ao máximo o quanto compartilho. Compartilhar é mais fácil quando as experiências são similares, o que ocorre através da identificação. Já quando as experiências são díspares, ou um tanto outras, compartilhar envolve desconstruir as identidades, o que pode ser um tanto doloroso. Partindo do pressuposto de que há sofrimento no processo de socialização, e que, portanto, as pessoas em geral buscam se sentir acolhidas em um agrupamento, deparar-se com uma outridade que não convida, mas interpela, é sempre dar com a cara em uma porta de vidro pois não se percebia tal barreira na paisagem do nós.

Nesta disciplina, me vi diante de uma situação que descrevo como ansiogênica, pois parece que previ que ela ocorreria, de alguma forma vi sinais de que ela viria a ocorrer novamente, tais situações de conflito entre as experiências. Assim que vi a ementa das atividades previstas para a disciplina, li que haveria uma aula para debatermos um documentário produzido por pesquisadores de uma universidade. Saber que tal encontro ocorreria já me causou uma ansiedade, primeiro com receios de qual seria tal filme, segundo por ele não ser acompanhado de textos que contribuíssem para a reflexão dos documentários em si. Me vi perante uma situação em que os meus conhecimentos seriam uma possível barreira para compartilhar a fruição de tal documentário.

Conforme as semanas passavam, aquele documentário naquela ementa me olhava e eu devolvia o mesmo olhar. Novamente, como já falei sobre alguns textos, parecia que eu tomava uma injeção. Ontem assisti ao primeiro episódio da série "Modern Family" e me senti como Luke que, após ganhar um revólver de brinquedo e acertar a irmã com um tiro de uma bolinha, deveria receber como castigo levar um tiro de bolinha ele mesmo. No episódio, a família se junta para decidir quando seria a execução da pena e, dentre os diversos afazeres individuais, acabam por agendar o tiro à queima-roupa, o que faz Luke sofrer por antecipação em espera.

Estas palavras acima são as que escrevi à época da aula. Lembro de ter sido o encontro que me foi mais difícil, pois tive muitas dificuldades para expor os meus pontos de vista em face a como a turma reagiu ao documentário exibido, "Escola Quilombo: Educação Cultivada" (Escola Quilombo, 2014). Trata-se de um documentário realizado por um pesquisador universitário, que definiu o filme como um "ensaio etnográfico", sobre uma escola informal construída e operacionalizada unicamente por um homem e uma mulher em uma área rural de reivindicação quilombola, mas ainda com um proprietário ruralista. O filme emocionou a todos na turma, menos a mim. Fiquei me perguntando se o documentário também emocionaria a meus colegas de graduação e professores, ou se apenas eu seria o insensível. Lembro de ter sido bem difícil conversar com a turma sobre o quando a história

cinematográfica se assenta na exploração da miséria do outro e o quanto tal filme também me parecia fazer isso. Ainda, o filme parecia reproduzir uma discussão que estávamos tendo no grupo “Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde”, no qual líamos “Antropológicas da Educação” (Ferreira Santos; Almeida, 2019), no qual é discutido o papel dos imaginários míticos no pensamento sobre a educação. Havíamos acabado de conversar sobre o quanto na educação havia um grande imaginário difundido à la Prometeu. No mito, o titã se voltou contra os deuses e roubou o fogo do conhecimento e o entregou aos humanos. Como punição, Zeus colocou uma águia para comer seu fígado, que se regenerava durante a noite, apenas para ser comido novamente pela águia durante o dia seguinte. Percebia Prometeu em meus colegas, vendo Prometeu naquelas pessoas que deixavam de comer para alimentar crianças em uma escola caindo aos pedaços, mesmo que por perto houvesse uma outra escola estadual pronta para atender o mesmo público.

Aqui me vem mais um relato sobre a minha experiência de testemunhar tal desencontro de experiências. Enquanto a turma estava em uma relação catártica com a obra, eu estava em uma relação catártica em vê-los tão mobilizados pela obra. Ao não me mobilizar tanto pela obra em si, talvez por me colocar muitas questões em relação a ela, a minha experiência prévia não me permitiu me colocar em um mesmo plano de experiência que a turma, e a partir daqui talvez tenha ocorrido uma grande desconexão entre nós.

Quarto relato cotidiano

E então outro encontro acontece e a escrita de uma semana é atravessada pela outra. Surge o dilema de seguir as ideias anteriores ou dar vazão às ideias de agora. Quais serão as ideias mais prejudicadas dada a priorização escolhida? Estou com ideias frescas sobre o último encontro, de ontem. Dá vontade de dar vazão a elas para que não percam seus brilhos. Porém, com isso, o encontro da semana anterior fica mais distante, as questões podem se evadir cada vez mais e ficar apenas o que é meu, mas se eu priorizar esta semana anterior, o quê de ontem se esvairá?

Em meio às questões procedimentais, é o próprio cotidiano que se apaga. Essa é a principal questão que eu decidi levar para o encontro de ontem e que acabou tomando boa parte do encontro. Apesar de todas as críticas realizadas às instituições, à razão e à ordem do discurso em termos foucaultianos, a escrita ainda é um meio estratégico dos poderes para a manutenção da partilha institucional. Embora a escrita não dê conta de toda a partilha do sensível, ela certamente ainda é supervalorizada e constitui os principais dispositivos de manutenção de esquadramento de legitimação. Portanto, compartilhei a reflexão de que a subestimação e ausência de encorajamento à escrita é um erro estratégico dentro das táticas dos grupos minorizados. Usei como elementos para suscitar o debate as questões levantadas mais de uma vez na disciplina sobre deixar em aberto que os estudantes possam entregar o que quiserem na conclusão da disciplina. A partir do texto lido no último encontro, um relato de uma ementa de uma oferta de uma disciplina em outra instituição, pontuei que os únicos trabalhos citados, nomeados e apresentados sobre seus

escopos foram os trabalhos escritos e legitimados pela institucionalidade acadêmica, a saber: artigos, dissertações e outros trabalhos acadêmicos escritos. Aos trabalhos realizados pelos estudantes foi dedicado apenas uma frase a cada, dentro de um único parágrafo, sem efetivamente nomear os trabalhos, as pessoas autoras ou darem mais detalhes sobre, por exemplo, a técnica da dança, o estilo do documentário ou questões como de espetatorialidade dos trabalhos apresentados pelos estudantes. Embora possa ser um lapso das escritoras, ou não se tratar do objetivo do texto elaborado, trata-se de um exemplo de como os circuitos acadêmicos ainda se pautam pelo texto como estratégia de poder. Em certo momento a autora do texto pontuou que a prática de não solicitar textos escritos e deixar aberto para cada estudante realizar como trabalho final o que achar melhor é uma posição política dela. O que tentei argumentar é que no meu ponto de vista, uma tática política mais adequada aos grupos minorizados passa pela convocação para a escrita como a melhor tática de sobrevivência e conquista da institucionalidade. Acredito que os meus textos escritos durante toda a minha trajetória escolar foram pouquíssimos lidos na minha trajetória de ensino superior. E se foram lidos, não evocaram nenhum debate, conversa ou avaliação por escrito detalhada. Ainda, pelos corredores da universidade também escuto de membros da comunidade que muitas vezes as próprias teses de doutorado não são efetivamente lidas por membros das bancas. A escrita discente está em geral da porta para fora, pois é solicitada sempre ao fim das disciplinas, graduações e pós-graduações. Quando os estudantes serão lidos no cotidiano das universidades?

Conclusão

Este ensaio, atravessado pelo cotidiano e pela experiência do fracasso, buscou desestabilizar as convenções discursivas dos Estudos nos/dos/com os Cotidianos ao adotar uma escrita não planejada, perturbada e deliberadamente delinquente. Ao migrar de um campo de pesquisa para outro, o autor vivenciou um "naufrágio epistemológico" que o colocou diante das estratégias de controle do *lugarcampo* acadêmico: a repetição, a exclusão de perspectivas dissonantes e a rigidez formalista. A partir de Michel de Certeau, Jack Halberstam e Michel Foucault, o texto propõe que o fracasso e a delinquência discursiva não são meras derrotas, mas táticas de resistência que expõem as fissuras da ordem institucional.

Os relatos cotidianos aqui apresentados — marcados por inadequação, desencontros e críticas não pacificadas — revelam a tensão entre a promessa libertária dos Estudos do Cotidiano e sua materialização em um campo já normatizado. A escrita autobiográfica, ao misturar reflexão teórica e vulnerabilidade, torna-se um gesto espacial (Certeau), uma travessia que desmancha códigos e interroga o lugar. Se o fracasso queer, como propõe Halberstam, é a recusa a se adequar às métricas de sucesso institucional, então esta narrativa é um exercício de "naufrágio criativo": um bote construído com restos de outros naufrágios, à deriva, mas ainda em movimento.

Ao final, restam perguntas incômodas: Como habitar um campo que se diz aberto às diferenças, mas reproduz hierarquias sutis? Como transformar a delinquência em potência sem cair na armadilha da institucionalização? Se, como diz Certeau, "o

relato é delinquente", este texto é um ato de insubordinação — não para destruir o *lugarcampo*, mas para lembrá-lo de que sua força está justamente nos interstícios, nas brechas onde o cotidiano ainda pulsa, imprevisível e vivo. O fracasso, aqui, não é um fim, mas um modo de existência acadêmica que resiste à domesticação.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Palestra proferida ao TEDx Talks Global. 7 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 14 dez. 2025. 1 video (19 min).

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 8 pgs., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23967>. Acesso em: 27 jul. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 8, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/anzaldua.pdf>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESCOLA QUILOMBO: Educação Cultivada. Documentário. Direção: Evandro Medeiros. Realização: Observatório da Educação do Campo. Tocantins: UFT, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9WDSp0RA5zQ>

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Antropolíticas da Educação**. São Paulo: EdUSP, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife, Editora CEPE, 2020.

HOOKS, Bell. A língua. Em: _____. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 223-233.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARCO AURÉLIO, Antonino. Meditações. Trad. Jaime Bruna. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 5.

MENA, Fernanda. "Nóia" persegue jovens há dez anos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 fev. 2001. Folhateen, p. 10. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1902200116.htm>. Acesso em: 07 dez. 2025.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios** - Livro I. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à "pós-investigação". **Revista Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes. 2002.

Recebido em 06/08/2025

Aceito em 28/12/2025